

O ESPÍRITA E O MEIO AMBIENTE: O DISCURSO E A PRÁTICA

Julio Daniel do Vale¹

1. Introdução

Os assuntos relacionados à conservação e uso sustentável do nosso meio ambiente têm ocupado grande espaço na mídia, em nossos lares e até mesmo nas atividades de cunho religioso. Resta saber o quanto as pessoas têm tomado para si a responsabilidade que lhe cabe nesse aspecto. O espírita jamais, em qualquer assunto, poderá se esquivar do que diz respeito às suas responsabilidades individuais.

É neste sentido que apresentamos o texto a seguir. Na primeira parte – *A consciência de nossas atitudes* – pretendemos destacar o aspecto da responsabilidade do indivíduo espírita. Na segunda parte - *O homem e a natureza no passado, presente e futuro* – apresentamos os princípios espíritas como uma excelente referência para nortear o debate do uso e conservação dos bens terrenos.

Certos de que esse simples trabalho não responderá complexas e urgentes questões da atualidade, ainda assim, esperamos reafirmar as orientações doutrinárias e expressar nosso humilde conhecimento sobre o assunto.

2. Desenvolvimento

2.1. A consciência de nossas atitudes

“Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, quando disse: Este povo me honra com os lábios, mas o coração está longe de mim. Em vão me prestam culto, pois o que ensinam são apenas mandamentos humanos.” (Mateus, 15;7-9.)¹

Sempre que necessário, Jesus repreendeu os fariseus e escriba. Mais de uma vez chamou a atenção para o fato de que estes traziam mais a atitude exterior de culto a Deus do que, no íntimo, fé de um verdadeiro crente. Essa é uma razão para que os adeptos da Doutrina Espírita cuidem para não recorrer aos mesmos equívocos desses representantes religiosos de outrora. O Espírita, tendo os preceitos morais do Cristo como referência para sua conduta e as elucidações dos postulados da Doutrina, desfruta de tudo que seria necessário para a condução inequívoca de suas atitudes. Contudo, é comum deixarmos-nos levar por práticas exteriores e esquecermos do profundo sentido que a vivência cristã nos propõe.

No Evangelho Segundo o Espiritismo há uma referência ao dever, onde segundo as palavra de Lázaro “o dever é a obrigação moral da criatura para consigo mesma, primeiro, e, em seguida, para com os outros”². Essa citação é apenas uma entre tantas outras que exortam o indivíduo à responsabilidade diante de tudo que realiza. Se respondemos por todos nossos atos, bons ou ruins, no decurso de nossa existência, não seria diferente com nossa responsabilidade na maneira com a qual tratamos os recursos naturais dos quais dispomos.

Há menos de uma década atrás, se quiséssemos falar de nossa responsabilidade ambiental, seria necessário, pelo menos, uma breve elucidação de quais são nossas ações impactantes no ambiente em que vivemos. Hoje, felizmente,

¹ Trabalhador da Fundação Allan Kardec, Manaus, Amazonas.

esse assunto é tratado com tanta frequência que praticamente todos sabem da necessidade de poupar água, luz, combustível e além disso, mais do que poupar, reutilizar e reciclar tudo o que for possível. Há uma verdadeira lista de ações pró-meio ambiente, cuja a bandeira é levada por diversas organizações não governamentais (ONGs) e até mesmo por órgãos do governo que se utilizam de leis e da fiscalização, visando a proteção de áreas preservadas assim como a conservação de diversas espécies de seres vivos. Até mesmo, quando tratamos de eventos relativamente recente, como o buraco na camada de ozônio e o aquecimento global relacionado ao aumento das emissões de carbono, são assuntos que ocupam o cotidiano da maioria das pessoas e poucos poderiam alegar desconhecimento.

No entanto, fatos como o assassinato de José Santos Cruz é um caso quase anônimo, embora na sua época tenha sido noticiado pela grande imprensa nacional³. Qual a relação dessa morte com a preservação ambiental? Toda. Os assassinos de José Santos Cruz foram tartarugueiros, criminosos que traficam tartarugas de vários pontos da Amazônia para Manaus e Belém. Embora o consumo desse quelônio seja uma tradição no Norte do país, há dois impeditivos para o seu comércio atualmente: um é que as populações dessa espécie correm risco de extinção; o outro é que as leis ambientais não permitem sua caça e nem seu comércio. Foi justamente acompanhando uma equipe do IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente), em uma ação de proteção aos quelônios do médio rio Branco (Caracaraí – Roraima) que José Santos Cruz, um guia local, foi assassinado por tartarugueiros.

Tragédias como essa sempre nos deixam constrangidos e pesarosos, mas pior ainda ficamos quando pensamos na possibilidade de confrades do movimento espírita converterem-se em verdadeiros financiadores desses tartarugueiros ao comprarem nas feiras clandestinas de Manaus os animais trazidos por eles. É muito provável que façam isso por simples ignorância, mas esse comportamento, descolado das conseqüências que geram, é muito mais comum do que imaginamos. Por isso a necessidade de estarmos atentos para não sermos cúmplices de dramas como o citado acima.

Situação similar é observada com muitos outros bem-intencionados, vejamos um exemplo. Vários são os jovens que usam camisetas com slogans “Amo a natureza”, “Proteja o meio ambiente” ou “Não à poluição” e jargões similares. Entretanto, esse mesmo indivíduo, tão engajado no que chama de “a salvação do meio ambiente” não se importa de consumir cigarros de *Cannabis sativa* (maconha) ou outras drogas que fomentam um comércio responsável por grande parte dos 40 mil homicídios que ocorrem anualmente no Brasil e nos coloca na triste posição de sermos um dos países mais violentos do mundo. E assim, levam na camiseta o apoio à natureza e na atitude o dinheiro para os criminosos.

Comportamentos contraditórios como esses que mencionamos são invariavelmente fruto de atitudes das quais somos levados muito mais por modismo do que por uma verdadeira convicção, ou mesmo uma compreensão real do que devemos fazer a respeito disso ou daquilo. Em relação ao proceder ambientalmente correto do espírita, certamente se nos perguntarem qual é a nossa preocupação com questões relacionadas ao meio ambiente, todos teríamos frases de efeito para pronunciar em sua defesa, mas dificilmente nos sairíamos bem se fôssemos interrogados com as seguintes questões: o lixo de sua casa é separado e enviado para a coleta seletiva? O seu consumo de água e luz é o mínimo necessário? Você

mantem seu carro regulado para diminuir a emissão de gás carbônico e opta por caminhadas ou uso de bicicleta quando possível? Quando você compra madeira, verifica se a procedência dela é certificada? E muitas outras coisas que poderíamos ser questionados. Perguntas essas que dificilmente responderíamos com desassombro e tranquilidade.

Sendo assim, fica evidente que há muitas formas de colaborarmos para a preservação de nosso ecossistema e enquanto não fizermos, pelo menos o mínimo que está ao nosso alcance, seremos como tantos outros que trazem o verniz da preocupação com a natureza, mas a hipocrisia ainda é o que mais se adequa a nossa real condição referente ao nosso proceder, assim como Jesus assinalava a respeito dos fariseus e escribas. Sejam sinceros conosco e busquemos estar conscientes com todas as nossas atitudes. Procedendo assim, seremos capazes de identificar nossas falhas na relação com o meio ambiente e com tudo o mais que nos cerca.

2.2. O homem e a natureza no passado, presente e futuro

“Ele [o solo] produzirá para ti espinhos e cardos, e comerás a erva dos campos. Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retournes ao solo, pois dele foste tirado.” (Gênesis 3: 18-19)⁴ □

Na simbologia da Gênesis temos uma boa expressão do penoso estado do homem na Terra. O entendimento de que esse planeta de provas e expiação impõe ao espírito humano uma série de dificuldades, além de estar anotado no livro do antigo testamento, essa condição da miséria humana não passou despercebida dos grandes pensadores. Tanto é assim, que a idéia de um éden, de um paraíso, sempre alimentou o nosso imaginário.

Nos primórdios, e ainda hoje em algumas religiões, o paraíso é associado à um local onde o homem prescinde de qualquer necessidade e goza pleno prazer sem a demanda de nenhum esforço. Certamente este é um cenário completamente contrário ao da terra. Onde até mesmo os mais abastados têm sua cota de miséria, nem que seja a de notarem ao redor de si tantos padecimentos.

Essa é a realidade de todos os encarnados. Obrigados a viver em um mundo onde constantemente é desafiado pelas circunstâncias locais, tem ele que empregar grandes esforços para tornar sua existência corpórea o menos penosa possível. Para isso, emprega sua inteligência e o trabalho na constante transformação do meio no qual se encontra.

Essa transformação ocorre em escala exponencial. Se as primeiras civilizações dispunham de recursos alimentares, arquitetônicos, sanitários e organizacionais rudimentares, os séculos nos mostram que isso foi sendo superado em um ritmo crescente. Na segunda metade do século XX, a difusão da informação e o potencial que os meios de transporte adquiriram, promoveram uma verdadeira revolução tecnológica no planeta.

Se por um lado essa revolução trouxe grandes benefícios para o homem, também gerou muitos impactos no ambiente. A preocupação com esses impactos não era tão evidente até poucas décadas atrás. E isso é fácil de se compreender, pois até então o que mais inquietava o homem era suas necessidades fundamentais e nisto empregava sua inteligência e esforço. Na luta contra os flagelos naturais Allan Kardec faz o seguinte comentário no livro Gênese: *“Assim é que ele [o homem]*

saneia as regiões insalubres, imuniza contra os miasmas pestíferos, fertiliza terras áridas e se industria em preservá-las das inundações; constrói habitações mais salubres, mais sólidas para resistirem aos ventos tão necessários à purificação da atmosfera e se coloca ao abrigo das intempéries. É assim, finalmente, que, pouco a pouco, a necessidade lhe fez criar as ciências, por meio das quais melhora as condições de habitabilidade do globo e aumenta o seu próprio bem-estar.”⁵□

Entretanto, se Kardec destacou a inteligência do homem e seu uso para contornarmos as dificuldades que os flagelos naturais nos impõe, ele não deixou de observar também que a maioria das mazelas que sofremos é fruto de nossa própria inépcia. Conforme verificamos no que ele diz a seguir: *“Porém, os males mais numerosos são os que o homem cria pelos seus vícios, os que provêm do seu orgulho, do seu egoísmo, da sua ambição, da sua cupidez, de seus excessos em tudo. Aí a causa das guerras e das calamidades que estas acarretam, das dissensões, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte, da maior parte, afinal, das enfermidades.”⁶□*

Passados aproximadamente 150 anos, podemos dizer hoje que o “orgulho, egoísmo, ambição, cupidez e excessos” do homem podem condená-lo a flagelos naturais dos quais tanto trabalhou para se proteger.

Quantas não são as enchentes provocadas por projetos imobiliários que, por interesses imediatos, deixaram de zelar pela proteção de áreas de mananciais hídricos e acabaram por colocar em risco habitações e moradores que ocuparam esses locais? Quantos hectares do planeta hoje se encontram esgotados porque as técnicas de agricultura aí empregadas não obedeceram o princípio do uso sem abuso e hoje converteram-se em desertos, mostrando seus solos ressequidos e já sem nutrientes para qualquer tipo de vida vegetal proliferar?

Grandes ecossistemas tiveram sua estrutura completamente alterada, sem que disso pudéssemos sequer retirar algum benefício, pois espécies exóticas foram introduzidas e aquelas que ocupavam o ambiente natural não tinham capacidade de competir com novos organismos que apresentavam características as quais a favoreciam sem que houvesse qualquer mecanismo natural de controle sobre suas populações.

Podemos citar aqui alguns exemplos como as inúmeras espécies de pastagens naturais em várias regiões do Brasil que estão se extinguindo, pois a braquiara africana invade seus habitats e inviabiliza a sobrevivência de outros tipo de gramínias. Com aves, podemos citar o exemplo do pardal, trazido no século XIX da Europa, hoje ocupa praticamente todos os centros urbanos do centro-oeste até o sul do país, competindo de maneira não natural com a rica fauna de pássaros que possuíamos. O tucunaré na Amazônia, introduzido em vários reservatórios em outras regiões do país tem se mostrado um predador voraz, fazendo grande estrago sobre a prole de espécies de peixes de médio e grande porte dessas regiões. Atualmente, uma espécie de mexilhão asiático, conhecido como mexilhão dourado, tem se reproduzido de maneira exorbitante, destruindo vegetações aquáticas, se incrustando nas embarcações e qualquer outro tipo de estrutura, como turbinas de hidrelétricas, trazendo graves prejuízos ambientais e econômicos na bacia do rio Paraná – Prata, já ameaçando invadir também o ecossistema do Pantanal. Até o mosquito *Aedes aegypti*, famoso transmissor da dengue e da malária, é um caso de espécie exótica.

A lista de espécies introduzidas e que converteram-se em problemas ambientais é enorme. Algumas vezes as introduções se deram por acidente, outras foram tentativas frustradas de extrair algum benefício para o homem e ainda algumas simplesmente se beneficiaram da grande movimentação de pessoas e cargas pelo mundo e devido o desequilíbrio ambiental encontraram condições propícias para se desenvolverem no ambiente em que aportaram.

Esse trânsito de organismos de um lado para o outro do globo, não gera apenas mazelas. Se observarmos, verificaremos que a maioria dos itens de nossa alimentação são espécies exóticas, a começar pelo próprio arroz (asiático) e feijão (mexicano). Por isso que quando destacamos o problema de algumas espécies exóticas, o fazemos como um alerta de que nosso ecossistema é delicado e por vezes mostra arreveses que nos custa muito caro. Por isso o cuidado no seu manejo e uso, para que ele continue servindo ao nosso sustento, mas que também conserve características mínimas para que não se debilite a ponto comprometer a nossa própria existência. Para isso, basta seguir o princípio do “uso sem abuso”, não só na atividade agrária, mas também na exploração dos produtos madeireiro, extrativistas, pesqueiros, minerais, e tantos outros que retiramos da natureza.

Se cada um de nós deve buscar o uso parcimonioso dos recursos naturais, como esquecer de nossa responsabilidade em educarmos as novas gerações com essa preocupação desde a mais tenra idade? Lembrando sempre que o processo educativo de nossos tutelados não se faz com bravatas e aforismos. Se queremos realmente deixarmos como legado uma geração comprometida com o meio ambiente, isso deve ser construído principalmente por exemplos.

Muitos comércios e marcas usam emblemas e nomes regionais para associarem seus produtos à Amazônia. Não nos cabe aqui debatermos sobre técnicas de marketing, mas é um erro crasso imaginar que alguém pode despertar o amor de seu filho pela Amazônia apenas falando para ele dos grandes rios e das florestas enquanto nos fins de semanas e períodos de férias se internam em clubes e shoppings. E, se é salutar as viagens para conhecer outras regiões do Brasil e do mundo, por que não apresentarmos à essa nova geração os nossos interiores?

Para quem teve uma infância mais próxima da natureza é desnecessário lembrarmos o quanto essa experiência favorece o crescimento do indivíduo. No livro *Educação Segundo o Espiritismo* a autora Dora Incontri comenta o quanto o contato com áreas verdes ajuda a sensibilizar a alma humana⁷. Não nos enganemos, enquanto nossas atitudes ficarem apenas na força da expressão e não nos comprometermos de mudar hábitos diários, aproximarmos mais nossos filhos dos elementos da natureza, permitindo que eles conheçam as plantas e animais que habitavam todos os nossos espaços verdes, estaremos agindo como comerciantes que falam de nossas riquezas naturais apenas como um chamariz e não como quem realmente está comprometido com ela. O zelo com todas as maravilhas que os amazônidas desfrutam não pode se restringir apenas em chavões do tipo “Amazônia, a maior biodiversidade do mundo” ou “nossos rios guardam a maior reserva de água doce do planeta”. É necessário que os jovens tenham o mínimo de contato com isso. Quantos deles se quer conhecem o encontro das águas?

Busquemos já a aproximação de nossas crianças e jovens com as grandes belezas naturais que este rincão nos oferece. Certamente, cada um irá responder de maneira diferente à esse contato, mas não há dúvidas de que o conhecimento é a melhor forma para despertar a consciência daqueles que deverão trabalhar para

darmos continuidade ao nosso progresso sem que isso custe o estrago geral de nossos ecossistemas.

Pois, se hoje essas preocupações com o desenvolvimento sustentável atinge todos os setores da sociedade, nem sempre a adesão é efetiva, ficando muitas vezes apenas na aparência de atitudes ecologicamente corretas. Em um outro extremo vemos ativistas ambientais anunciando o fim do mundo, não muito diferente das escrituras escatológicas mais antigas da humanidade. O que diz o Espiritismo a respeito? O que já foi dito: *“necessidade lhe fez criar as ciências, por meio das quais melhora as condições de habitabilidade do globo”*. Assim sendo, resta-nos a busca por novas alternativas e a consciência tranqüila de cada um de nós de trabalharmos por um cenário melhor, recuperando as mazelas que causamos e evitando o acontecimento de outras.

3. Considerações finais

O Espiritismo é maravilhoso por todos os esclarecimentos que nos oferece, mas também deixa-nos muito mais comprometidos com nossas responsabilidade. É capaz que dentre nós tenhamos aqueles que já estão em dia com uma conduta ambientalmente correta, contudo, provavelmente esses mesmos não sabem se em vidas passadas tiveram ou não atitudes comprometedoras em relação ao equilíbrio ambiental. Ou seja, todo seu esforço de hoje, não é a boa atitude de uma alma evoluída, mas sim o resgate de um espírito endividado. Mas isso não deve ser motivo de pesar, é claro, e sim de alegria, pois se uma já se vê em reajuste com o passado, nesse aspecto de zelo pela natureza, aqueles que ainda procedem de maneira equivocada apenas acumulam maiores débitos com a lei de harmonia.

E assim, se o passado guarda mistérios para o reencarnado, o futuro se projeta como a construção do que herdaremos, daí a necessidade de não postergarmos mais o trabalho no bem em todas as suas instâncias, inclusive na nossa relação com a natureza.

Referência bibliográfica

1. *Bíblia de Jerusalém*. ed. revista e ampliada. São Paulo (Brasil): Paulus. 2002. Mateus, Cap. 15, versículo 7-9.
2. *Folha de S.Paulo* - Caçadores matam guia do Ibama em tocaia - 16/11/2006. Seção - Cotidiano.
2. Kardec A. *Evangelho Segundo o Espiritismo*. 125 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 2006. Cap. 27, item 7.
3. *Bíblia de Jerusalém*. ed. revista e ampliada. São Paulo (Brasil): Paulus. 2002. Gênese, Cap. 3, versículo 18-19.
4. Kardec A. *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. 42 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 2002. Cap. 3, item 4.
5. _____. _____. Cap. 3, item 5.
6. Incontri D. *A educação segundo o Espiritismo*. Federação Espírita do Estado de São Paulo; 1997.